

A Filosofia no Ensino Médio: construindo uma nova visão do docente

Silvana Aparecida Pin

Resumo: O presente estudo tem por objetivo discutir a relevância da disciplina de Filosofia inserida no currículo do Ensino Médio e a presença do docente devidamente formado para ministrar a mesma nas escolas de Educação Básica. A pesquisa realizada foi de caráter bibliográfico. A partir do estudo, percebe-se que a Filosofia é uma disciplina de grande importância no contexto da educação brasileira já que o objetivo desta disciplina é contribuir com a formação da consciência crítica no aluno. A elevação do senso comum à consciência crítica é um dos elementos centrais do significado do conhecimento filosófico, como também uma das principais razões que sustentam a necessidade de ensinar conteúdos de Filosofia na escola e fazer a experiência do filosofar entre os estudantes. Com isso, ressalta-se que o docente que irá ministrar as aulas de Filosofia precisa ter uma formação adequada e atualizada, desenvolvendo metodologias que incentivem os alunos ao pensamento filosófico.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino Médio. Pensar Crítico. Docência.

Introdução

O interesse da Filosofia pela educação remonta aos gregos antigos, basta citar duas obras clássicas “República”, de Platão, e “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles. Entre os pensadores é conceito comum a preocupação com a educação das crianças ou dos jovens como momento privilegiado da formação do ser humano. Pode-se dizer que todo sistema filosófico traz uma proposta pedagógica, pois a educação trata da relação do ser humano consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Apresenta-se como sua característica fundamental a construção de si, de seu próprio mundo e de seu tempo.

O presente estudo tem por objetivo discutir a importância da disciplina de Filosofia no currículo do Ensino Médio e a presença do docente devidamente formado para ministrar a mesma nas escolas de Educação Básica. A pesquisa realizada foi de caráter bibliográfico.

A Lei Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Artigo 36, inciso

IV, institui “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio.” A partir da implantação dessa obrigatoriedade, a disciplina de Filosofia volta a fazer parte do currículo do Ensino Médio.

A volta dessas duas disciplinas aos currículos escolares não garante a qualidade da formação cidadã dos estudantes, pois estudos realizados por autores da área indicam que o ensino de Filosofia nas escolas, na maioria das vezes, não conduz a discussões e ao amadurecimento do pensamento crítico e da formação para a cidadania, mas se dá de forma tradicional. É mais uma disciplina do currículo, com a diferença de que, por vezes, não é levada muito a sério. Acresce ainda que, geralmente, o professor que ministra essas disciplinas é alguém de outra disciplina que precisa preencher carga horária.

O pensar filosófico é essencial para a formação de cidadãos críticos e responsáveis, autônomos e capazes de mudar os rumos da sociedade. A motivação da Filosofia é a descoberta de um problema, ao contrário das outras ciências que procuram resolver os problemas. Por esse motivo, ela pode ser compreendida como abstrata, só acessível a intelectuais, a estudiosos e profissionais dedicados somente ao estudo. Para Gramsci (Apud: GALLO, KOHAN, 2000), a Filosofia deve voltar a assumir seu compromisso com a vida cotidiana. De fato, foi assim que ela surgiu na Grécia Antiga, como uma reflexão sobre os eventos cotidianos.

Conforme Gramsci (Apud: GALLO, KOHAN, 2000), todos os homens são filósofos, mas nem todos filosofam, nem todos têm as condições teórico-práticas para elaborar sua própria visão de mundo. Para este autor, a Filosofia está contida na linguagem, no senso comum, no bom senso e na religião. Mas, a ciência moderna desvinculou o pensar do ser, passando a existir um saber desvinculado do conflito que caracteriza a existência humana. Um saber que não responde mais às necessidades da vida torna-se dispensável. Os alunos não se entusiasmam por ele e a

cada dia questionam seus professores: “por que precisamos saber disso?” Até quando ficaremos sem uma resposta convincente? Que resposta daremos a essa pergunta? Essa pode ser uma pergunta motivada pelo pragmatismo que já habita as mentes de nossos jovens, mas é importante que encontremos uma resposta quando essa pergunta se apresentar.

A Filosofia contribui para que se mantenha aberta e sempre presente a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos. Por isso, a importância da Filosofia reside na sua potencialidade em construir conceitos, entendendo os conceitos como necessidades que brotam da experiência humana. Nesse sentido, o fazer filosófico trata dos acontecimentos e, estes, entendidos não como fatos, mas como devir.

Uma das possibilidades do ensino de Filosofia é que se possam experimentar novas relações entre os seres, construir novas composições onde as afinidades e os acontecimentos se constroem e se desconstroem. O futuro da Filosofia depende de sua capacidade de autoconstrução conceitual, pois se cessar a busca por novas construções do pensamento, ainda que baseadas na história da Filosofia cessa a própria Filosofia.

O conteúdo da filosofia é o filosofar. Este é entendido como exercício de pensamento cujas características são o pensar meditante, reflexivo, a busca, a admiração, o espanto, o diálogo, a escolha, o amor, a paixão, o diálogo consigo mesmo e com os autores ao longo da história da filosofia, a abertura, a suspeita, a crítica, a criação, o questionamento, a imaginação, o sonho, a desmistificação da realidade, o desvelamento da ideologia e do processo ideológico e de alienação, a responsabilidade ética, o compromisso, a criatividade. O filosofar, constituindo-se como conhecimento, ação, criação e pensamento, possibilita-nos a filosofia. Este processo reflexivo, crítico e criativo que, por assim dizer, se debruça sobre a realidade e sobre a explicação do mundo estabelece uma relação com o ensino (GHEDIN, 2008, p. 87-88).

Para que se alcancem os objetivos propostos para a disciplina de Filosofia nas escolas é necessário que os educadores, primeiramente, estejam conscientes dos mesmos e depois que tenham as condições necessárias para alcançá-los. Dentre essas condições está o desafio de que professores formados em Filosofia sejam os responsáveis para ministrar as aulas e que desenvolvam metodologias próprias para o exercício do pensar crítico. Esse aprendizado é imprescindível para que os alunos passem a ver a Filosofia como uma disciplina importante do currículo e os docentes tenham condições de conduzir os alunos ao exercício filosófico.

Os estudantes do Ensino Médio, e por que não, os do Ensino Fundamental, precisam ter contato com a Filosofia, a fim de que possam desenvolver a capacidade de interpretar e escrever textos filosóficos, formando assim, a capacidade para um pensar crítico e autônomo.

O trabalho de formação do indivíduo não é um assunto exclusivamente pedagógico, mas também filosófico: trata-se de educá-lo para a universalidade que o espírito engendrou no movimento de formação da perfectibilidade do gênero humano (RAMOS, 2003, p. 43-44).

A educação humana está ligada à formação do pensamento crítico, autônomo e livre. Para Hegel (1999), a educação deve ser vista no processo histórico de realização da liberdade, segundo a concepção de melhoria do indivíduo e do gênero humano. A formação do homem acontece na trajetória de realização e efetivação histórica do espírito no sentido do aperfeiçoamento do gênero humano para a realização da liberdade.

A educação é um processo dirigido para a formação da consciência individual em harmonia com a cultura, é um diálogo com os problemas do tempo e uma resposta para eles. “O homem é um ser inacabado que se constrói justamente através das relações sociais: o homem é ser social que produz a si em sociedade, transforma a si mesmo e

ao mundo num processo em que se presentifica o caráter educativo da práxis humana” (SOUZA JUNIOR, 2011). O ser humano que se constrói na vida em sociedade transformando os ambientes onde vive: é influenciado pela educação que recebe.

A filosofia na formação do pensar crítico

A Filosofia é importante na formação da consciência crítica do ser humano, possui caráter interdisciplinar e contribui para o diálogo entre as várias disciplinas. Podemos dizer que a mesma é importante até para uma melhor construção das outras ciências, uma vez que quando a pessoa aprende a pensar filosoficamente ela poderá contribuir mais eficazmente para o desenvolvimento de qualquer outra ciência.

Na prática pedagógica brasileira, a Filosofia ainda não superou a condição de um humanismo formalista, retórico, fundado no gramaticismo e na erudição livresca. Um dos principais objetivos do ensino de Filosofia no nível médio é contribuir com a formação de consciência crítica no aluno. A elevação do senso comum à consciência crítica é um dos elementos centrais do significado do conhecimento filosófico, como também uma das principais razões que sustentam a necessidade de ensinar conteúdos de Filosofia na escola.

A Filosofia é vista pela maioria dos educadores e políticos como uma prática subversiva, isto pelo fato de que a Filosofia dedica-se a questionar também o óbvio. Talvez, por isso, ela tem encontrado dificuldade de estabelecer-se confortavelmente no ensino brasileiro e também de não ser aceita com tranquilidade em muitos círculos. Um filósofo, ou quem se dedica à Filosofia, sempre suscita questionamentos e gera certo desconforto ao fazer questionamentos que desinstalam as pessoas. Dessa forma, para que o ensino de Filosofia nas escolas seja uma construção do pensar filosófico, faz-se necessário que os professores da disciplina sejam formados em Filosofia.

O professor de Filosofia deve ser aquele que dialoga com os filósofos, com a História da Filosofia e, claro, com os alunos, fazendo da aula de Filosofia algo essencialmente produtivo. A Filosofia é produzida e ensinada ao mesmo tempo. O educador que não se assume como filósofo não tem a menor chance de ensinar Filosofia.

Pensar no problema do ensino de Filosofia significa evidenciar e estabelecer, para poder compreender, o modo pelo qual as forças dominantes na sociedade se impõem hegemonicamente. Isso quer dizer que à Filosofia cabe a tarefa, no interior da escola e da sociedade, de fazer-nos ver e perceber esse movimento que impõe a vontade de alguns sobre todos e reagir contra ele. Tal raciocínio, que corre o risco de ser simplório, pretende reivindicar que a Filosofia, no espaço do ensino, assuma a tarefa de fazer-nos pensar melhor, para que possamos, ao pensar significativamente o mundo, agir sobre ele, transformando-o (GHEDIN, 2008, p. 141).

Agir sobre o mundo, pensar o mundo e as relações humanas constitui-se tarefa da Filosofia, por isso, nada lhe é óbvio, tudo é passível de admiração e de questionamento. Para construir a cidadania é essencial que se faça Filosofia nas escolas e não apenas se ensine história da Filosofia. Esta é uma grande lacuna que se encontra na hora de implantar a Filosofia nas escolas. Muitas vezes, faltam professores habilitados e, outras vezes, falta metodologia aos habilitados.

Tendo a Filosofia um modo próprio de produzir-se e de fazer-se, há que dispor também de um modo de ser apropriada e construída pelos que a ela desejam ter acesso. Essa tarefa de pensar os pressupostos epistemológicos e metodológicos de seu ensino é um compromisso que os professores da disciplina, não podem deixar de lado. Convém, até mesmo, dizer que cabe fundamentalmente a eles pensar esse ensino em todos os seus níveis. Assim, revelar-se-á possível aproximar a abstração filosófica do cotidiano do aluno, pois o professor é quem está mais próximo dele, na qualidade de sujeito que, no espaço escolar,

o ajuda a construir seu saber, oriundo das diversas ciências atuantes na escola. Portanto, os problemas do ensino de Filosofia, como problemática nascida na prática, devem ser enfrentados pelos professores que convivem com eles em seu cotidiano (GHEDIN, 2008, p. 142).

Apesar dos problemas enfrentados pode-se dar pistas para procedimentos que viabilizem a prática docente. O professor deverá trabalhar com objetivos, com uma orientação teórico-metodológica e estimular o processo de formação de uma consciência crítica através de exposição oral, leitura e análise de textos, começando por textos simples, ao nível dos alunos (jornal, poesias, crônicas), intercalados com ensaios filosóficos, até que estes predominem.

Existem conteúdos específicos que precisam ser assimilados pelos alunos, e estes conteúdos devem ter como referencial a história da Filosofia. Contudo, um bom programa de Filosofia deveria possibilitar aos alunos uma compreensão crítica e bem elaborada da prática social tornando-os bem preparados para intervirem na sociedade, como transformadores.

É fundamental que o professor seja formado em Filosofia, que a história da Filosofia seja o referencial, que as teorias e os conceitos estudados sejam contextualizados historicamente. A pouca importância que se dá à disciplina de Filosofia é um grande desafio. É preciso reconstruir a compreensão do trabalho do professor de Filosofia, levando em consideração o professor como educador, que assume sua atividade docente como prática transformadora. Para ensinar é preciso que o professor tenha claro para si mesmo o que ele entende por Filosofia e, além disso, coerência entre o que entende e o que ensina.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (Apud: Gallo, 2000) defendem que a Filosofia é uma atividade do pensamento que consiste em criar conceitos. Filosofia é uma ação, uma atividade, um ato (ato do pensamento). A especificidade da Filosofia é a produção de conceitos, mas diferente

das outras ciências, o conceito filosófico é um exercício de pensamento que não cessa, que não conclui a resposta. O conceito filosófico não é uma definição finalizada, ele funciona como motivador para novas experiências de pensamento.

Um bom professor deverá ter sempre um bom método de trabalho, dedicar-se à preparação de suas aulas e preocupar-se com a aprendizagem dos alunos, caso contrário nada será produzido. Para isso, oferecem-se aqui algumas pistas de trabalho e de reflexão para a prática docente do professor de Filosofia.

Gallo (2000) apresenta métodos¹ e dicas práticas para o ensino de Filosofia. Para ele, é preciso ensinar a ouvir o autor, antes de discordar dele, identificar suas ideias, o rigor dos conceitos apresentados. Perceber a articulação da argumentação, a coerência da exposição e depois partir para a discussão do texto. Podem-se apresentar as concordâncias e discordâncias chegando à problematização, ou seja, deverá ser extraído do texto o problema a ser discutido, estudado e pesquisado a partir da história da Filosofia e da realidade atual.

Num outro momento, parte-se para a produção do conceito-resposta ao problema, através da elaboração pessoal, que pode ser oral ou escrita. Essa construção pode variar em trabalhos individuais, ou por grupos. O professor deve acompanhar todo o processo de produção e orientar os alunos até que eles sejam capazes de produzir um texto filosófico. Além disso, ele marca as datas para a entrega do resultado de cada etapa, observa a indicação bibliográfica do material consultado e a identificação devida de citações. Também, pode organizar com os alunos seminários e teatros.

O importante é que os estudantes aprendam a não aceitar nada sem antes investigar e compreender, pois, a primeira característica da

1. Os métodos apresentados aqui são de Sílvio Gallo, do livro que consta na referência bibliográfica.

atitude filosófica é de natureza negativa: dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos. Aquele que tem atitude filosófica interroga-se a si mesmo, suspende os juízos de primeira ordem, para tematizar os conceitos usados de forma implícita.

A Filosofia, no espaço escolar, juntamente com todo processo educativo desenvolvido na escola, não só é responsável por formar as novas gerações, mas também precisa oferecer aos novos cidadãos aquilo que a humanidade possui de melhor, e não o que nos envergonha como humanos. Uma sociedade ou um Estado que neguem a seus cidadãos as conquistas mais qualitativas da humanidade promovem a barbárie e contribuem para a animalização do ser humano, transformando-o em coisa, em objeto (GHEDIN, 2008, p. 144).

Educar para a transformação, para assumir-se como sujeito do pensamento não é tarefa fácil. Por isso, o educador precisa dispor de alguns meios que o auxiliem nesse trabalho. Segundo Gallo (2000), a melhor opção para o ensino de Filosofia é seguir o eixo problemático, no qual os conteúdos filosóficos são organizados em torno dos problemas tratados pela Filosofia. Na visão do autor, essa é a melhor opção, pois toma a Filosofia como ação, atividade, porque se organiza em torno daquilo que motiva e impulsiona o filosofar, isto é, o problema.

Para uma boa e produtiva aula de Filosofia podem-se seguir quatro passos. Partindo do pensamento que a Filosofia é a arte de criar conceitos, ao jovem deverá ser dada a oportunidade de fazer a experiência do pensamento e não apenas de reproduzi-lo. Para isso, o professor precisa dotá-lo das ferramentas necessárias e mediar o processo. Numa primeira etapa do processo é necessário sensibilizar, ou seja, instigar o pensamento através de problemas reais, que mobilizem para fazer o movimento do pensamento. A aula de Filosofia pode partir de recursos não filosóficos para despertar o interesse no assunto (filmes, músicas, contos, poemas, programas de TV). Relacionar o tema com a vida.

Num segundo momento, parte-se para a problematização que consiste em transformar o tema em problema. Instigar os alunos a produzir questões a partir do tema abordado. Quanto mais intensa e múltipla for a problematização, mais elementos os alunos terão para produzir sua própria experiência de pensamento. Depois de detectado o problema faz-se a investigação recorrendo à história da Filosofia, a filósofos que em sua época e em seu contexto pensaram sobre o problema que foi apontado.

Na última etapa do processo chega-se a conceituação, que é o exercício da experiência filosófica propriamente dita. O estudante recria os conceitos analisados ou pode ser estimulado a criar um novo conceito que ofereça outra forma de equacionar o problema enfrentado. Com isso, a Filosofia constrói a autonomia e a liberdade de pensamento que lhe é própria.

O estudo da Filosofia quando não passa por esse processo de construção do pensamento juntamente com os estudantes não contribui para a formação de pessoas aptas a exercer a cidadania como está contemplado no objetivo do plano de curso de muitas escolas. A Filosofia acaba caindo na rotina de qualquer outra disciplina em que os alunos recebem alguns conhecimentos e os devolvem da mesma forma. Uma vez que a Filosofia tem como principal objetivo formar para a cidadania e para o pensar crítico, percebemos que falta nas aulas de Filosofia o exercício da relação Filosofia x prática cotidiana, Filosofia x reflexão de problemas da vida diária, Filosofia x discussão.

Percebe-se, dessa forma, que a volta da Filosofia aos currículos escolares não está servindo aos objetivos que a disciplina se propõe a cumprir e, na maioria das vezes, isso acontece porque os professores que ensinam Filosofia nas escolas não são profissionais preparados para isso. Se houver motivação e método por parte dos professores, os alunos corresponderão. Precisa ser desenvolvido um trabalho que

desperte o interesse e envolva os estudantes em discussões de conteúdo filosófico.

Além da sugestão de que o professor de Filosofia seja formado em Filosofia, seria muito importante também uma aproximação maior entre as escolas e as universidades para que os acadêmicos possam se preparar para ter uma atuação mais completa e dinâmica quando forem profissionais da educação. Para isso, tem contribuído algumas políticas de Estado disponibilizadas e incentivadas nas licenciaturas.

Conclusão

Na era de incertezas, imediatismo e velocidade de informações em que se vive, as chances de a Filosofia sobreviver precisam ser buscadas e argumentadas, pois não é possível que uma ciência que deu tanto suporte em momentos cruciais da humanidade, agora pereça ou se torne sem sentido. Precisa-se desenvolver a habilidade de pensar, pois talvez, as pessoas se tenham acostumado a receber as coisas já pensadas, já (de) terminadas e apenas as executam. Aqui entra a Filosofia como aquela que devolve ao ser humano a autonomia, a liberdade de ser ele mesmo, de tornar-se sujeito de sua própria história e de sua própria vida.

A Filosofia devolve a dignidade ao ser humano enquanto ser pensante, capaz de decidir e de construir seu próprio caminho. A capacidade de optar e definir o como e o porquê viver é um ato profundo de dignidade e, é aí que a Filosofia entra como a ciência própria do humano, do ser pensante, do ser que decide por um ato livre da sua vontade e não movido por um instinto que repete sempre a mesma coisa. Ser humano é ser profundamente filósofo, é dar rumo à própria existência e poder fazer dela o que se deseja, o que faz feliz no mais profundo e sincero da intimidade pessoal e livre de cada ser em si mesmo.

Em meio à vida, muitas vezes, sem sentido, a Filosofia pode proporcionar pontos de apoio, memórias e estabilidade para que se possa

formular melhor os problemas. Como a coruja, símbolo dessa ciência, de olhar preciso e elevado, o filósofo tentará ver aquilo que nem todos veem, mas que está aí. Alguém precisa ajudar a encontrar a direção a seguir, ou ao menos, que se consiga ver além das aparências ofuscantes do imediatismo e da pressa, e essa tarefa, acredita-se, é da Filosofia.

O esforço do pensamento deve ser o da humildade, de não pretender formular mandamentos e engessar a criatividade. O filósofo precisa estar em meio ao turbilhão dos acontecimentos, para tentar captar a necessidade do momento e ajudar a expressar os problemas, na tentativa de encontrar uma solução. A Filosofia pode modificar, e modifica, o curso dos acontecimentos, o ritmo do tempo, mas para isso ela precisa apresentar-se de uma forma compreensiva, atualizada. Uma linguagem despojada de pretensões vãs, de jargões acadêmicos, é sempre bem-vinda para se tornar mais útil e compreensível pela maioria. Daí a necessidade dos profissionais docentes serem formados para o ensino de Filosofia.

Necessita-se levar em conta a história da Filosofia para, partindo do já pensado, evoluir na aventura de pensar e conhecer. Atualizar problemas clássicos e compartilhá-los fará entender que a essência do humano sempre foi e sempre será a mesma, pois as mesmas questões que preocuparam os ancestrais são as que se buscam resolver hoje. Contudo, para isso, a Filosofia precisa dialogar com o mundo, num diálogo diferente e reinventado a cada tempo da história. Assim, ela será reconhecida como algo que ainda faz sentido, algo extremamente necessário justamente na era do imediatismo e da velocidade.

A Filosofia é sim um saber muito necessário e útil, pois ajuda na volta à essência humana feita de autonomia e liberdade. Pensar é um ato de liberdade, um ato que revela o ser humano a si mesmo, que faz o humano mais humano e digno. Se a Filosofia pode colaborar com isso, então ela se faz mais necessária que nunca.

Referências bibliográficas:

- ASPIS, Renata Lima; Gallo, Sílvio. *Ensinar Filosofia: um livro para professores*. Atta Mídia e Educação: São Paulo, 2009.
- BRASIL. Lei nº 9394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: dezembro de 2013.
- GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (Org.). *Filosofia no Ensino Médio*. 2 ed. Vozes: Petrópolis, 2000.
- _____. Chegou a hora da Filosofia. *Revista Educação*. Ano 10 – n. 116, Editora Segmento. 2006.
- GHEDIN, Evandro. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*. São Paulo: Cortez, 2008.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. *Fenomenologia do Espírito: Parte I*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- INGENIEROS, José. *O homem medíocre*. Pequeno ensaio de moral e ética dirigido aos jovens. Tradução de Nélia Maria Pinheiro Padilha Von Tempski-Silka. Curitiba: Juruá, 2004.
- LYRA, Edgar. *A Filosofia no Século XXI*. Disponível em: www.portalcienciaevida.com.br. p. 64-73. Acesso em dezembro de 2013.
- RAMOS, Cesar Augusto. A pedagogia de Hegel e a ação formadora da alteridade cultural. *Revista de Filosofia*, v. 15, n. 16, Curitiba: Champagnat, 2003.
- SOUSA JUNIOR, Justino de. *Marx e a crítica da educação*. Aparecida: Ideias e Letras. 2010.
- ZILLES, Urbano. *Teoria do Conhecimento*. Série Filosofia, 21. Porto Alegre: EDIPUC/RS, 1994.